



A ilha vem sendo alvo de ação criminosa na exploração do palmito.

Exploração: alvo de denúncia

A denúncia de exploração criminosa do palmito na Ilha das Peças, no Parque Nacional de Superagüi, partiu de dois moradores nativos da Vila das Peças, Renato Pereira de Siqueira e Ivair Pereira de Siqueira. Os dois irmãos têm projetos de trabalhar com ecoturismo na região de Guaraqueçaba e há algum tempo levam e trazem visitantes aos locais mais interessantes de toda a Apa de Guaraqueçaba. Eles estão terminando uma pousada e comprando barcos para trabalhar com os turistas.

"Esse pessoal que tira o palmito chega sempre de madrugada. Entram pelo mangue e vão até o interior da ilha para derrubar os palmitos, não se importando com o tamanho da destruição ou com a bitola do palmito", contou Renato. Segundo ele, no Rio das Peças o acesso é difícil o que facilita a extração clandestina.

"As turmas ficam dois ou três dias dentro do mató. Fazem acampamentos. Depois de cortar tudo o que podem trazer para perto do mangue e também de madrugada embarcam tudo para Guaraqueçaba. São cerca de mil dúzias a cada investida no mató.

Os dois dizem que são pessoas de fora da comunidade da Vila das Peças. "Não é o povo daqui", garante Ivair. Segundo ele, quem tira o palmito está a serviço das indústrias de Guaraqueçaba. "Eles ganham 3% do valor que o palmito alcança. Por pagarem pouco eles tiram tudo o que podem". Ivair disse que esses "homens" que cortam o palmito são perigosos. "Já conversamos com al-

guns mas procuramos evitar contato". Ele disse que alguns pescadores da vila já foram ameaçados. "Aqui existe a lei do silêncio. Ninguém nunca vê ou sabe de nada", disse.

Além da destruição da mata, que é do tipo de vegetação secundária, já foi cortada e cresceu novamente sem a intervenção do homem, os irmãos dizem que os "piratas do palmito" também ameaçam a fauna do local. "Não se contentam em cortar o palmito. Também caçam tudo. Até os papagaios-de-cara-roxa são mortos sem mais nem menos", contou Ivair. Esse tipo de papagaio existe apenas em algumas áreas do litoral e é considerado uma espécie rara e ameaçada de extinção.

COMO FICA O HOMEM?

O presidente da Associação dos Moradores da Vila das Peças, Laurival Emílio Silva, reclamou que as pessoas só dão importância para o meio ambiente esquecendo do homem. "Não queremos destruir nada, mas não entendo como uma árvore possa ser mais importante que o homem da ilha. Nós não temos nada, água tratada, saúde, saneamento. Luz elétrica só faz quatro meses que o fornecimento é garantido por causa do novo gerador", reclamou.

Silva fez questão de mostrar a escola, que só atende as crianças até o 4º ano primário. "Depois a gurizada fica por aí, sem ter como estudar e o jeito é ir trabalhar na pesca". Ele disse que o turismo não ajuda mas também não atrapalha.



Renato Pereira e Ival Pereira denunciaram os atos predatórios.

Jornalistas vivem aventura na ilha

A visita à Ilha das Peças para ver a exploração ilegal do palmito foi promovida pelo Fórum Verde, que reúne as entidades ambientalistas da Região Metropolitana de Curitiba, com o apoio da SPVS (Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental) que deu as condições de acesso ao local como transporte, acomodação e alimentação aos jornalistas.

A "caravana" saiu de Curitiba na terça-feira pela manhã em duas "bestas" com destino a Paranaguá. No porto, no canal que separa a cidade da Vila de Valadares, todos embarcaram no Mariner, conduzido pelo mestre "Aranha". São pouco mais de uma hora e quinze minutos até a Ilha das Peças quando as condições de mar e vento são favoráveis. A manhã estava muito agradável com o sol e dia claro.

Já na Ilha das Peças todos foram almoçar. Enquanto degustavam o al-

moço, preparado pela mulher do seu Silvio, do Bar Jataí, o tempo começava a virar. O sol foi substituído pelas nuvens e o vento começou a aumentar. Era o temido vento Sul, que traz chuva e frio. Embarcaram novamente na Mariner e foram até o Rio das Peças.

AVENTURA

No meio do caminho começa o temporal. O mar se agita perigosamente e o vento é ameaçador. Sorte é estar protegido pelo manguezal. Não houve condições de desembarque para ver no local a devastação da exploração do palmito pelos piratas. Todos molhados e com frio e assustados. A única saída era esperar. Retornaram para a vila. Apesar de alguns decidirem ir para Guaraqueçaba, ainda era possível, no final da tarde, o grupo preferiu pernoitar na ilha para tentar acessar o local no outro dia pela manhã.

A noite foi inesquecível: muito frio, pois ninguém estava preparado

para a "virada no clima" e muito menos em dormir na ilha. Todos eram resfêns da matéria: valia mais denunciar o roubo do palmito que a integridade das pessoas. Pela manhã o clima não era diferente. O dia claro e bonito, mas o vento era até mais forte. O mar parecia mais ameaçador. A expedição acabou se dividindo. Alguns retornaram para Paranaguá no barco que faz a linha entre as Peças e Paranaguá. Outros foram mais tarde para Guaraqueçaba onde os veículos de reportagem e do SPVS esperavam. Uma aventura que mostra que a natureza só será protegida quando as comunidades que vivem nas regiões tiverem as maiores condições de vida. O homem desassistido agride a natureza sem qualquer remorso. Já os "urbanos" precisam conhecer melhor todas as variáveis que envolvem a pregação ecológica.

Texto: Carlos Kaspchak

Fotos: Reinaldo Guidolin

Eles chegam de madrugada entrando de barco pelo braço de mar conhecido como Rio das Peças.

Deixam a turma de "pções" e voltam para o continente, em Guaraqueçaba. Aqueles que ficaram têm uma missão árdua. Durante o dia se embrenham no mato à procura do palmito. Derrubam a mata para abrir caminho e cortam o palmito, não se importando com a bitola ou a quantidade. Esses personagens desconhecidos são os "piratas do palmito". Essa extração clandestina é um crime ecológico. E o pior é que é praticada no Parque Nacional de Superagüi, que foi criado pelo Decreto n.º 97.688, de 25 de abril de 1989, formado pelas ilhas de Superagüi e Peças com uma área aproximada de 21.400 hectares.

O roubo do palmito tem crescido nos últimos meses na Ilha das Peças, o que levou as entidades ambientalistas que integram o Fórum Verde a denunciar o crime que ameaça de devastação a Floresta Atlântica no litoral do estado do Paraná. Segundo as entidades, as consequências da exploração clandestina do palmito são bem visíveis: grandes áreas de mata destruídas onde praticamente não existem exemplares de palmito adulto. Isso estabelece um perigoso intervalo na cadeia alimentar de diversas espécies de animais com o fim gradativo do estoque natural e o risco de extinção da espécie na região.

CUMPLICIDADE

A extração clandestina do palmito na Ilha das Peças não é uma atividade isolada. Estão envolvidos no processo as indústrias e membros das comunidades, que são mão-de-obra barata em regime de exploração. Todos fazem parte do "sistema de produção" do palmito.

Inclusive o consumidor que se torna "cúmplice" da extração predatória por acreditar de forma errada que o palmito mais tenro é o de pequena bitola e também por consumir o palmito clandestino, vendido mais barato. Outra idéia errada é a que o estoque de palmito é ilimitado dentro da floresta.

Outro problema que afeta a exploração ilegal do palmito é a falta de uma ação de fiscalização e de recuperação das áreas degradadas pela ação criminosa. O Parque Nacional do Superagüi também faz

parte da Área de Proteção Ambiental (APA) de Guaraqueçaba, criada em 1985 para proteger o meio ambiente e a população que vive na região. São 313.406 hectares que inclui o município de Guaraqueçaba e uma parte de Antonina, Paranaguá e Campina Grande do Sul. Ainda inclui a Estação Ecológica de Guaraqueçaba, criada em 1982, com 14 áreas de mangue com aproximadamente 13.600 hectares nas ilhas de Superagüi, Peças, Pinheiros, Laranjeiras, Rubelo, Puvocá e Sambaqui.

RESERVA DA BIOSFERA

A Estação Ecológica de Guaraqueçaba, a Área de Proteção Ambiental (APA), o Parque Nacional de Superagüi, a Área Especial de Interesse Turístico do Marumbi e a área incluída no Tombamento da Serra do Mar fazem parte da reserva da Biosfera Vale do Ribeira-Serra da Graciosa. Foi em 1991 que a Unesco - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, órgão responsável pelo Programa de Reservas da Biosfera, definiu que esse pedaço da Mata Atlântica deveria ser conservado, pesquisado, incluindo-se aí as suas populações, que devem ser educadas e assistidas.

A responsabilidade pela fiscalização da APA de Guaraqueçaba e por consequência do Parque Nacional de Superagüi é o Ibama. Mas sua atuação deficiente e as autorizações que outorga às indústrias de palmito tem permitido a continuidade prolongada da destruição de extensas áreas da Mata Atlântica. Só no ano passado autorizou o corte de 2 milhões de pés de palmito. Mas por causa da falta de fiscalização, inventários e outras ações que visam racionalizar a exploração e quantidade de cortes é muito maior.

A extração ilegal acaba sendo apoiada pelas indústrias que têm matéria-prima barata e por causa dos processos simplificados para o preparo e envase do palmito nas unidades clandestinas, sem as mínimas condições de higiene. Também as condições de miséria das populações contribuem para o crime, pois não têm alternativas para a sobrevivência. A ausência de programas educativos de manejo sustentado do palmito também colabora, para a continuação desse crime contra a natureza e humanidade.

15

Ilha de belezas

A Ilha das Peças está a pouco mais de uma hora de barco de Paranaguá, que saem do ponto do Mercado Municipal, antigo atracadouro dos veleiros de antigamente. As saídas são regulares todos os dias, às 6 horas, a exceção das terças-feiras. Já o retorno no final da tarde é dia sim, dia não. Na Vila das Peças moram cerca de 65 famílias, uma população de aproximadamente 350 pessoas.

Diz a tradição dos nativos que a ilha tem o nome de Peças por causa dos piratas. "Eles deixavam seus tesouros aqui antes de irem para Paranaguá ou Guaraqueçaba", contou Renato Siqueira, que tem uma empresa de eco-turismo Chauai Expedição. Segundo ele, a Ilha das Peças tem 12 sambaquis e três naufrágios de navios piratas. "Podem ser vistos facilmente. Dois são na Praia de Fora e outro no Mar de Dentro". Ele garante que os moradores encontram ainda hoje "peças" de porcelana atribuídas aos piratas.

Da Vila das Peças o acesso é fácil para a Ilha do Mel, Superagüi, Rasa, Pinheiro, Pinheirinho e outras. Também fica a pouco mais de uma hora de barco da cidade histórica de Guaraqueçaba. Essa foi a primeira região a ser povoada no Paraná. Em 1614 fazia parte da sesmaria de Paranaguá. Em 1550 o alemão Hans Stadem naufragou na região quando integrava a expedição de Diogo Senabria, que saiu da Espanha. Quando voltou à Europa escreveu um livro sobre as novas terras e fez mapas da região.

Nelas estavam o Canal de Superagüi e a Ilha das Peças. Outro estrangeiro famoso é o suíço William Michaud, que chegou na região em 1854, na Ilha da Superagüi, onde passou toda a vida, e pintou aquarelas retratando as belezas naturais desse importante estuário do litoral paranaense.